

Prefácio

A escultura tumular constitui uma fonte privilegiada para o perscrutar da Idade Média, amplamente reconhecida e consideravelmente explorada pela comunidade científica internacional.

Partindo de diferentes áreas científicas e metodologias, as conclusões dos estudos que têm vindo a desenvolver-se e, nalguns casos, as revisões de discurso proporcionadas por estes, revelam a riqueza, a pertinência e o potencial da temática.

Desvendando personagens e processos, materializando pensamentos, combinando, de forma dinâmica e complexa, revelações do corpo e da alma de uma existência individual que assim se perpetua, o *moimento* abre-nos uma janela sobre realidades por outro meio difíceis – ou impossíveis – de alcançar. E o jogo que nos propõe é desafiante: entre uma aspiração espiritual e expectativas terrenas; entre um produto estético e uma peça carregada de mensagem; entre a revelação da forma concreta de um corpo que, exibido em vulto sobre o sepulcro, não se degrada, e a captação de uma alma que, aprisionada na pedra, se mantém num limbo para uma passagem que de certa forma nunca se opera.

Esta complexidade do túmulo medieval, simultaneamente fenómeno artístico, estético, espiritual, histórico, antropológico, sociológico e cultural, obriga a uma verdadeira interdisciplinaridade, como a que neste volume procuramos convocar, na senda do repto por nós lançado aquando do congresso *Almas de Pedra. Escultura Tumular: da Criação à Musealização*, decorrido de 2 a 4 de Novembro de 2017, no Museu Nacional de Arte Antiga, em Lisboa.

Por outro lado, a frequente manipulação das obras e, sobretudo, a sua descontextualização colocam aos seus investigadores desafios de ordem diversa. Efectivamente, há que continuar a entender o impacto de tais processos na compreensão dos sepulcros, buscando a sua análise à luz do contexto original para o qual foram produzidos e dos vários outros contextos em que foram sendo recebidos.

Além disso, cabe pensar sobre as mais adequadas formas de respeitar e valorizar os monumentos sepulcrais, enquanto peças exibidas num contexto museológico. Importa também continuar a debater as possibilidades de potenciar o

conhecimento e a valorização dos túmulos que se conservam *in situ*, fornecendo aos visitantes as chaves interpretativas para a sua compreensão.

Outra linha de entendimento a explorar é a da materialidade, a originária e aquela que lhe foi sobreposta, assim como os critérios de intervenção nestas obras, com o objetivo do seu restauro e recuperação, na perspetiva da sua conservação como herança patrimonial para os vindouros.

Da criação à musealização: é neste ciclo de longa duração e multifacetado, nesta espécie de vida total das esculturas funerárias, que se pretende repensar, entender, questionar e perspetivar o túmulo medieval neste volume, reunindo investigadores, museólogos e restauradores, de diversas nacionalidades e abrindo espaço à reflexão partindo de diversas áreas disciplinares. É também este olhar global e englobante que Clario di Fabio lança sobre um conjunto de monumentos fúnebres italianos do séc. XIV, num exemplar exercício de análise que nos serve como ponto de partida de toda a construção de conhecimento que ao longo deste livro propomos.

Segue-se uma série de abordagens de diversa temática e metodologia, organizadas em quatro partes cujos títulos reflectem as principais dimensões através das quais se olha o fenómeno tumular: *I. A criação: da encomenda e concepção à realização* na qual são tratados os processos criativos das obras de arte, implicando a encomenda, a produção, os artistas/oficinas, as relações entre encomendadores e mestres, os modelos e sua circulação, as fontes literárias e iconográficas, as técnicas de execução, os materiais e os programas iconográficos; *II. A comunicação: o túmulo e a palavra*, na qual se enfrentam a memória construída através da escrita, as leituras proporcionadas e as camadas de significação; *III. Recepção e manipulação: intervenções, movimentações, descontextualizações*, na qual se aborda a relação com as obras pós-produção e a sua manipulação, incluindo intervenções, movimentações/deslocações e descontextualizações; *IV. Preservar a memória: ações para conservação, valorização e musealização das obras*, em que se trata a problemática da musealização das peças, desde a conservação e o restauro até à museografia, finalizadas a acções de valorização e salvaguarda patrimonial.

Assim, dentro da primeira parte que de forma abrangente designamos 'criação', incluem-se oito estudos com incidências geográficas distribuídas entre Portugal, Itália, França e Espanha. Marie Quillent apresenta-nos uma investigação que cruza o recurso às fontes escritas – no caso, um inventário – com as sobrevivências materiais a fim de obter novos dados acerca da tumulária tardo-medieval de Amiens, dos seus agentes e mecanismos formais de produção. Idêntico propósito orienta a análise de Andrea Pala, que procura reconstituir um contexto de produção

específico – o da Sardenha tardo-medieval –, negligenciado pela historiografia, mas que se revela, não só de elevada qualidade, como plenamente inserido nas dinâmicas internacionais da época. A relação entre túmulo e espaço envolvente, tantas vezes perdida, mas quase sempre fundamental nos programas comemorativos originais, constitui o foco central de quatro outros contributos, todos trabalhando-o, contudo, sob diferentes perspectivas. No primeiro caso, Lúcia Rosas e Ana Cristina Sousa tomam essa articulação entre lugar e escultura como ponto de partida para o estudo de três projectos concretizados no Norte de Portugal, entendendo-os na suas partilhas e especificidades e encarando-os nas suas várias dimensões, que vão dos materiais utilizados aos programas iconográficos. Sonia Morales Cano usa igualmente a relação entre peça e lugar de destino como um dos pilares da sua análise acerca do túmulo quatrocentista da duquesa de Arjona, Aldonza Mendoza, originalmente destinado a um mosteiro hieronimita, em Guadalajara. Francisco Teixeira, por seu lado, explora a relação entre as duas artes – escultura e arquitectura – num jogo de escalas em que a tumulária se serve dos ‘cadernos de desenhos’ para arrojar soluções inovadoras que da ‘micro’ jamais passariam à ‘macro-arquitectura’. Esta tentativa de aprofundar o conhecimento acerca dos processos de concepção das obras funerárias – que fontes visuais?, que instrumentos?, que vias de inspiração? – está igualmente reflectida no trabalho de Francisco Henriques sobre os túmulos da igreja de Nossa Senhora do Castelo, em Abrantes, analisados do ponto de vista estrito da sua composição, nomeadamente do desenho geométrico e do projecto estrutural que terá estado na base da sua criação. Voltando à relação capela-sepulcro, este é também um dos pontos de partida de Sabine Berger, no seu estudo acerca dos programas fúnebres dos conselheiros dos últimos reis Capetos, observados como instrumento privilegiado de construção de memória e de um discurso político pleno de articulações entre o poder régio e aqueles que em seu torno gravitam. A criação de uma determinada ideia de realza através da tumulária é, por sua vez, o tema do artigo de Francesca Tota, que o trabalha partindo do caso específico e único do monumento fúnebre de Ladislao Durazzo d’Angiò, na igreja de San Giovanni a Carbonara, em Nápoles. O conjunto de contributos da primeira parte completa-se com a análise de Maurizio Ficari que aborda o modelo do túmulo ‘militar’ equestre, introduzido na cidade de Roma através do sepulcro de Antonio Rido, na segunda metade do séc. XV.

A segunda parte permite ao leitor entrar num mecanismo específico do funcionamento simbólico tumular, nomeadamente aquele que resulta da relação entre a escultura e a palavra incisa na pedra, componente central do programa, logo, elemento-chave para uma interpretação verdadeiramente orgânica dessas peças.

Este é o âmbito de análise de Pierre-Vincent Claverie, que recorre aos elogios fúnebres como fonte para indagar as possibilidades e a natureza dos processos de construção de memória concretizados pelos Francos no Oriente latino medieval. É também o tema de Luigi Tufano, para quem um conjunto de epitáfios ‘pseudo-falantes’ serve como fonte para estudar as técnicas de representação e promoção usadas por algumas famílias nobres da Nápoles quatrocentista, ao mesmo tempo que reivindica uma relação de interdependência – e não de ‘mera’ complementaridade – entre programas iconográficos e inscrições.

Na terceira parte, a ‘manipulação’ das peças tumulares é abordada através de quatro diferentes casos, que nos consentem reconhecer diferentes possibilidades de intervenção e pensar nas diversas consequências sobre o original funcionamento dos sepulcros e o significado que hoje conservam. Elisa Eccher fá-lo através do caso do monumento fúnebre de Giacomo Bossi, datado da segunda metade do séc. XIV e totalmente desmembrado no início do século XVIII. Os fragmentos sobreviventes, poucos e dispersos, são avaliados criticamente pela autora, que procura identificar os elementos realmente pertencentes ao sepulcro e, através deles, propor uma atribuição para a peça. Haude Morvan parte de uma sua proposta de reconstituição do túmulo do cardeal Hugues Aycelin, de finais do séc. XIII-inícios do séc. XIV, para uma análise da recepção da peça, entre os séculos XVII e XIX, período marcado por um interesse e vontade de preservar o sepulcro, que forneceriam à investigadora as descrições pormenorizadas que lhe permitem, hoje, ‘rever’ a composição em toda a sua sumptuosidade. Jorge Prata analisa um processo de deslocação decorrido entre 1940 e 1957 no mosteiro de Alcobaça e envolvendo os túmulos de D. Pedro I e D. Inês de Castro. Este processo expõe a diversidade de concepções de restauro patrimonial então existentes, confrontando-se uma preferência pela memória histórica e uma valorização da função estética das peças, em função do seu novo significado na sociedade contemporânea. Lisa Rafanelli, por sua parte, toma como *corpus* uma série de reproduções, físicas e visuais, da *Pietà* de Miguel Ângelo, patente no Vaticano. A multiplicação dessa ‘prole’ artística, como lhe chama a autora, tem, na verdade, consequências na própria função e imagem do original que aquela segue fielmente, contribuindo para a sua progressiva secularização e musealização.

O tema da musealização serve como conceito-chave do último conjunto de estudos, ao longo do qual se sucedem reflexões acerca da forma de expor e usar os monumentos fúnebres – ou o que deles resta – através dos tempos e como hoje a consciência do impacto dessas ‘manipulações’ nos obriga a repensar soluções e conceitos. A introduzir a problemática, temos a grande leitura de Manuel Arias

acerca da colecção de escultura funerária do Museo Nacional de Escultura de Valladolid, criado como tal em 1933, cuja exposição se traduziu numa espécie de revitalização das originárias funções memorativas da capela do Crucifixo do Colégio de San Gregorio, onde hoje essa colecção se apresenta ao público. Função recuperada, mas também transformada, dada a inclusão na capela de um conjunto de dispositivos sepulcrais originalmente ausentes daquele espaço. Esta articulação de memórias, num lugar estranho a muitas delas, obriga, como Manuel Arias nos propõe, a pensar a interacção entre as peças e as condicionantes espaciais em que frequentemente são expostas, por forma a melhor apresentar as colecções sem falsear o entendimento que assim delas se constrói. Valeria Danesi e Jacopo Curzietti remontam a um dos primeiros projectos de ‘musealização’ de materiais fúnebres medievais, ainda em plena época moderna. Trata-se da manipulação e apropriação ideológica e propagandística de um conjunto de sepulcros e memórias medievais feita na basílica de San Giovanni in Laterano, em Roma, tentativa pioneira e inovadora de contextualizar obras daquele período em pleno séc. XVII. Nesta mesma parte, Sophie Jugie oferece-nos uma interessante análise do percurso feito pelo túmulo de Philippe Pot, original, impressionante e célebre peça do final da Idade Média, actualmente no Museu do Louvre. No epílogo de uma série de vicissitudes, são-nos dados a conhecer os resultados de um estudo material muito recentemente realizado (2018) e da investigação que o antecedeu. Finalmente, Chloe Sharpe discute a ideia do cemitério como ‘museu de escultura’, através de uma análise das inter-relações e divergências entre as duas instituições, ao mesmo tempo que analisa processos de deslocação (e re-significação) a que algumas peças fúnebres, pela sua natureza portátil, vão sendo sujeitas.

Segue-se a parte *V. Projectos de investigação* composto por um conjunto de textos de apresentação de projetos, em curso ou já concluídos, que dão conta das possibilidades que a escultura tumular oferece ainda à investigação e das novidades potencialmente extraídas de uma sua abordagem segundo novos e múltiplos enfoques, do conceito de ‘retrato’ aplicado a um contexto de representação régia (Mirko Vagnoni) ao estudo e valorização de um atelier de escultura tumular contemporânea (Tom Verhofstadt), passando por processos de restauro (Júlia Fonseca e Fernando Costa) e projectos de valorização (Giulia Rossi Vairo) e reconstituição digital (Joana Ramôa Melo e Sara Valadas) ou ainda a inventariação da colecção tumular de um cemitério oitocentista (Viviane Comunale).

O volume fecha-se por onde começara: *Da criação...à criação!* No texto que o encerra, o artista Manuel Botelho leva-nos consigo numa viagem onde as ideias, as palavras, as memórias, os anseios, o Passado, o Presente e o Futuro se entrelaçam,

numa dança envolvente e reveladora da vida ainda contida nessas *almas de pedra* que o tempo medieval nos legou.

O presente livro deve a sua existência ao patrocínio de uma série de instituições que ofereceram o seu apoio às organizadoras do congresso e editoras do volume e às quais apresentamos os nossos vivos agradecimentos: a Fundação para a Ciência e a Tecnologia, a Fundação Millennium BCP, o Instituto de Estudos Medievais e o Instituto de História da Arte da Faculdade de Ciências Sociais Humanas da Universidade Nova de Lisboa, o Centro de Investigação e Estudos em Belas-Artes da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa e a Câmara Municipal de Odivelas.